Comunicado da AVTE sobre IA Generativa

Devido ao crescente uso da IA generativa em muitas indústrias e em variadas tarefas extremamente criativas, a AVTE (Audiovisual Translators of Europe) decidiu emitir o seu próprio Comunicado sobre a regulação da IA.

A tradução de audiovisuais é uma forma de escrita criativa, pelo que a AVTE segue o caminho já feito por associações de autores criativos como o CEATL, a SAA e a CISAC. Também nos reportamos ao nosso Manifesto da AVTE sobre Tradução Automática publicado anteriormente.

A AVTE não é contra novas tecnologias em si mesmas. Estas podem beneficiar os tradutores, desde que sejam usadas para melhorar a produção humana e para tornar o nosso trabalho mais ergonómico e eficiente. No entanto, somos contra o roubo de trabalho humano, a disseminação de informação errada e o uso pouco ético da IA generativa por parte de empresas de tradução e produtores de conteúdo.

Compreendemos que produtos e tecnologias baseados em Grandes Modelos de Linguagem (em inglês, *Large Language Models*, ou LLM) podem ser utilizados com uma grande variedade de finalidades, tais como a gestão de metadados, a gestão terminológica/de glossários, o aperfeiçoamento de memórias de tradução, entre outras. A nossa preocupação imediata prende-se com o uso de IA generativa em mecanismos de tradução automática (TA), que utilizam enormes quantidades de dados (Grandes Modelos de Linguagem) para prever a palavra seguinte numa frase com base no contexto dado pelas palavras anteriores. Claro que uma tradução feita desta forma não tem em conta o significado ou o objectivo, ao contrário de uma tradução feita por um humano.

E, no entanto, na indústria da tradução de audiovisuais, este tipo de tradução é cada vez mais visto como um bom substituto da tradução humana. Ou, pelo menos, como suficiente para que o tradutor humano funcione como um mero supervisor que emenda traduções automáticas geradas por IA de modo a reduzir custos e aumentar o volume de produção.

Em baixo, descrevemos a partir da perspetiva de quem trabalha na área como o texto traduzido automaticamente é mais um entrave do que uma ajuda e leva quase sempre a resultados de qualidade inferior.

Vamos abordar o assunto de quatro pontos de vista diferentes, mas interligados:

- O ponto de vista técnico relativo à adequação da IA à tradução de audiovisuais, centrado em algumas ideias erradas muito disseminadas sobre a TA;
- A perspetiva da sustentabilidade para toda a indústria da tradução de audiovisuais;
- O ponto de vista legal de questões relativas aos direitos de autor;
- O ponto de vista ético do impacto na sociedade.

Ponto de vista técnico

1. A tradução de audiovisuais é uma forma de escrita criativa e deve ter em consideração o contexto cultural, social e histórico tanto do texto como de quem o lê ou ouve, bem como as idiossincrasias das personagens, o humor, o tom, a intertextualidade e a intenção do autor, para garantir que a mensagem é devidamente transmitida. A IA generativa carece desta capacidade essencial de contextualização e espírito crítico. Muitas empresas que prestam serviços linguísticos (as chamadas LSP - *Language Service Providers*) argumentam que a pós-edição humana preenche essa lacuna de forma satisfatória. Segundo a nossa experiência enquanto profissionais que trabalham diretamente com o conteúdo produzido pela tradução automática, é raro isso acontecer, como explicamos detalhadamente em baixo.
2. A tradução de audiovisuais adequa-se intrinsecamente menos ao uso da IA do que outras formas de tradução, porque requer a capacidade humana de avaliar elementos extratextuais, como sons e imagens, que a IA ainda não consegue interpretar de forma satisfatória.
3. A tradução de audiovisuais lida com obras criativas que visam ser únicas e originais. A sua tradução também deve ser única e original. A IA generativa não inventa conceitos originais sozinha. Em vez disso, reelabora material existente (possivelmente protegido por direitos de autor), o que torna as obras artísticas cada vez menos originais. Isto contraria os interesses dos autores.

Ideias Erradas sobre a Tradução Automática

1. Existe uma narrativa generalizada de que a IA generativa acelera, facilita e melhora o trabalho dos tradutores. A ideia errada de que os tradutores humanos só precisam de fazer pequenas alterações à tradução automática é comum.
   Ter como base um texto pré-traduzido por uma máquina que não pensa não poupa o tradutor do esforço mais exigente e importante de compreender e transmitir a mensagem tendo em conta o contexto, o alcance, o significado pretendido, o público-alvo, as fontes, etc.
2. Ter este esforço cognitivo em consideração não é economicamente produtivo a preços de pós-edição. É por isso que a maioria do conteúdo produzido por IA pós-editado é desprovido de clareza, direção e eficácia comunicativa.

Basicamente, é desprovido de qualidade. Enquanto alguém que traduz de raiz se foca em traduzir o conteúdo da melhor maneira possível, alguém que edita um texto pré-traduzido por uma máquina vai sobretudo tentar torná-lo formalmente "comercializável" da forma mais eficiente em termos de tempo possível, independentemente da substância ou usabilidade.

3. O estudo de 2022 de Hagström e Pedersen "Subtitles in the 2020s: The Influence of Machine Translation" mostra como fazer uma tradução a partir de texto produzido por uma máquina aumenta substancialmente os erros de significado, estilo e legibilidade geral. Mesmo quando não contêm erros de tradução, os textos traduzidos automaticamente são mal escritos, e a exposição a má escrita pode ser prejudicial para as capacidades de escrita dos pós-editores e dos consumidores finais.

Ponto de vista da indústria

1. Os tradutores de audiovisuais estão dispostos a integrar novas tecnologias no seu trabalho, como têm vindo a fazer há décadas (ex.: programas de legendagem, dicionários *online*, verificadores de ortografia ou ferramentas CAT), desde que estas sejam usadas para melhorar a produção humana, o que não é claramente o caso das utilizações propostas da IA generativa na tradução. Enquanto especialistas na área, os tradutores devem ter sempre a última palavra no que toca a determinar se uma ferramenta é adequada e útil para cada tarefa específica e poder escolher se a usam ou não.
2. A AVTE não compactua com o uso de tradutores como meros supervisores de obras audiovisuais traduzidas automaticamente e discorda veementemente da ideia de que a produção da IA só precisa de alguns retoques rápidos para ser adequada. Tal narrativa tem sido imposta aos tradutores de audiovisuais para fazer uma redução dramática na sua remuneração parecer inevitável, fazendo vista grossa à enorme perda de qualidade das traduções.
3. O Manifesto da AVTE sobre Tradução Automática já fez algumas sugestões à indústria: envolver os tradutores desde o início no desenvolvimento de tecnologias de tradução, implementar verificações de QA (*Quality Assessment*) mais sofisticadas, aperfeiçoar o texto preditivo, a entrada de voz e o reconhecimento de voz para acelerar verdadeiramente o trabalho e cobrir ângulos mortos tipicamente humanos (como detetar gralhas, lapsos e inconsistências, desempenhar tarefas repetitivas com precisão, citar textualmente, pesquisar instantaneamente através de dados); gerar dados enriquecidos, bases de dados pesquisáveis de fontes confiáveis e dicionários sempre atualizados, fazer experiências com várias opções para melhorar o estilo e a precisão, etc.
4. Com cada vez mais tradutores a serem despromovidos a pós-editores, cada vez menos pessoas vão querer seguir a profissão de tradutor de audiovisuais. Por conseguinte, a revisão de conteúdo produzido por IA generativa vai recair sobre trabalhadores sem formação, que a verão provavelmente como um *part-time* para complementar os rendimentos do seu trabalho principal (porque a remuneração que a maioria das LSP oferece por este serviço é demasiado

baixa para se viver dele, e por vezes equivale a um terço do que ganhavam como tradutores). Isto, bem como o facto de a IA generativa se começar a alimentar do próprio conteúdo que gera, vai levar a baixa qualidade, tornando a produção inútil a longo prazo. Em vez disso, pela estabilidade a longo prazo do setor, os tradutores devem receber não apenas um salário digno, mas um salário que reflita a sua competência e experiência.

5. A exposição a obras mal escritas afeta as capacidades de escrita do leitor. Isto significa que a exposição dos tradutores a textos traduzidos automaticamente vai levá-los a produzir traduções de pior qualidade. Isto também está interligado com o conceito de "pós-edição de tradução automática leve", em que é pedido aos tradutores que se limitem a corrigir erros flagrantes em vez de produzirem traduções de qualidade, para que se lhes possa pagar ainda menos. Isto também pode fazer parte de uma estratégia comercial de longo prazo em que os consumidores e os públicos são expostos a textos cada vez mais medíocres para se habituarem a eles e deixarem de exigir qualidade, e para os tradutores poderem ser totalmente ou quase totalmente ignorados.
6. Caso algum dia venha a haver uma forma ética de usar a IA generativa sem explorar pessoas ou violar os seus direitos, e caso essa nova IA ética venha a mudar drasticamente a indústria, contribuindo de forma substancial para um aumento dos lucros, a AVTE considera o seguinte cenário.

   Devido ao papel dos tradutores no treino da IA (treino esse que nunca deve acontecer sem o seu consentimento) e a sua responsabilidade pelo produto final, e tendo em conta que esse produto é essencial para o desenvolvimento da IA e pode de facto determinar o sucesso de uma tecnologia de IA relativamente às concorrentes e resultar em lucros incalculáveis, os tradutores devem colher uma porção desses lucros. Este modelo deve ser devidamente regulado através de uma abordagem internacionalmente coerente de entidades reguladoras suportada por entidades de gestão coletiva ou acordos de licenciamento que garantam à parte mais fraca uma distribuição mais equitativa dos lucros e cláusulas de autoexclusão.

Ponto de vista legal

1. Os produtos totalmente gerados por IA apresentados como criações artísticas não podem ser abrangidos pela lei de direitos de autor atual. A AVTE acredita que todas as legislações devem preservar este princípio. Caso contrário, uma quantidade enorme de material protegido por direitos de autor ficará concentrado nas mãos dos poucos intervenientes que tenham recursos para usar tecnologia de IA generativa. Exigir que os autores humanos usufruam de direitos de autor também mitigaria muitos riscos, como despedimentos em massa, a extinção de profissões criativas e a torrente de produção imprecisa, tendenciosa e não verificada constituída por conteúdo gerado por máquinas.
2. Relativamente à indústria da tradução de audiovisuais, a AVTE considera

que é necessária regulação que impeça as empresas de explorarem lacunas nas leis de direitos de autor usando pessoas para assinar conteúdo gerado por IA que não foi revisto.

3. No que toca à tradução de obras protegidas por direitos de autor, a versão traduzida da obra deve evitar com todo o cuidado infringir os direitos de outros autores, direitos de autor e outros direitos de propriedade intelectual. Atualmente, a IA generativa apresenta muitos problemas a este respeito, pois, além de usar conjuntos de dados que contêm material protegido por direitos de autor, pode regurgitar conteúdo que infringe direitos de autor.
4. De acordo com o princípio de que a IA deve servir a criatividade humana e não substituí-la, acreditamos fortemente que não deve ser atribuído financiamento público a publicações e projetos de tradução com IA.
5. Um último requisito para salvaguardar os direitos de todas as partes interessadas, bem como prevenir que os problemas de qualidade da tradução automática desvalorizem a profissão de tradutor, diz respeito à transparência a todos os níveis:
    a. A pós-edição de tradução automática é mais exigente a nível cognitivo do que a revisão, pelo que os revisores têm o direito de saber se vão trabalhar com texto produzido automaticamente antes de aceitarem um trabalho. Enganar um revisor levando-o a trabalhar numa tradução gerada por uma máquina pelo mesmo preço que se paga pela revisão de uma tradução feita por um humano é pouco ético. O preço a pagar pela pós-edição de tradução automática deve ser, pelo contrário, superior ao preço pago habitualmente pela revisão.
    Além disso, quando o trabalho de um tradutor ou revisor é usado para treinar uma máquina, existe um benefício económico para o dono da máquina. Assim, a empresa deve informar o tradutor ou revisor de que vai treinar a IA com o seu trabalho e dar-lhe a possibilidade de negociar um preço suplementar ou de rejeitar o trabalho;
    b. A parte que encomenda a tradução audiovisual tem o direito de saber se está a pagar uma tradução feita por um humano, uma pós-edição de tradução automática ou uma tradução automática. Levar os clientes a acreditar que as suas obras vão ser traduzidas por tradutores humanos e depois vender-lhes traduções automáticas é pouco ético e desonesto, sobretudo se estas forem usadas para treinar a máquina sem a autorização do cliente.
    c. Os consumidores finais/espectadores têm o direito de saber se as obras audiovisuais que lhes são apresentadas foram geradas automaticamente por IA ou criadas por um ser humano. Desse modo, terão mais elementos para avaliar a credibilidade da obra.

Ponto de vista ético

A proliferação de conteúdo gerado por IA tem implicações sociais significativas.

1. Se os algoritmos da IA favorecerem obras que são mais palatáveis para públicos de países desenvolvidos, existe um risco claro de que tal hegemonia cultural apague as qualidades únicas de outros públicos. Ou, ao encorajar a homogeneização cultural através da perspetiva da cultura dominante, a IA pode promover preconceitos perniciosos.
2. Os mesmos algoritmos ditam o que produzir com base no interesse comercial, tornando mais difícil o surgimento de ideias genuinamente originais ou não dominantes, em detrimento da criatividade, da diversidade e da individualidade.
3. Há quem proponha um meio termo em que a tradução de audiovisuais automática estaria limitada a entretenimento menos sofisticado, tal como *reality shows*, novelas, etc., ao passo que os conteúdos de alta qualidade seriam traduzidos por linguistas experientes. A mesma linha de raciocínio foi proposta para a literatura. A este respeito, o CEATL alertou para os perigos de discriminar certos géneros literários considerando-os menos meritórios do que outros. Acreditamos que o mesmo se aplica às obras multimédia.

   Mesmo deixando de parte o facto de que traduzir a oralidade, as idiossincrasias, a intertextualidade, a cultura popular e a sobreposição de diálogo típicas dos *reality shows* requer muita experiência, tal distinção revela um preconceito e um elitismo intrínsecos: quem decide qual é o valor de um produto cultural?

   Se o entretenimento menos sofisticado receber um tratamento linguístico de baixa qualidade, aqueles que consomem maioritariamente ou exclusivamente esse entretenimento vão perder uma oportunidade valiosa de desenvolver competências linguísticas e de pensamento crítico através dos meios de comunicação. Além de que as pessoas que cresceram em contextos com baixos níveis de educação e baixos rendimentos têm geralmente menos acesso a entretenimento mais sofisticado. Ao oferecermos-lhes obras mal traduzidas, aumentamos o fosso que separa os privilegiados dos desfavorecidos.
4. Tudo o que foi referido vai acabar por empobrecer as nossas culturas, as nossas competências de escrita e a própria linguagem. Um uso generalizado da IA vai habituar toda a gente à mediocridade e colocar em risco a criação e a transmissão do património cultural. Este fenómeno vai piorar quando a IA generativa passar de aprender através de exemplos humanos a aprender com a sua própria produção (autopoluição).
5. Caso o conteúdo gerado totalmente pela IA venha a ser protegido por direitos de autor, existe o risco de que um punhado de entidades ricas que podem pagar para usar a IA detenham os direitos de uma quantidade incomensurável de material, impedindo o desenvolvimento de criadores individuais.
6. Através do mesmo mecanismo de produção massiva a baixos custos que essencialmente reduz a arte a uma mercadoria feita por encomenda, a IA generativa constitui uma ameaça de concorrência desleal com os autores humanos, que vão ter cada vez menos interesse em enveredar por uma

carreira criativa.

7. Por fim, embora a IA generativa seja apresentada como uma solução rápida, barata e acessível para os consumidores finais, não podemos ignorar o consumo massivo de energia que requer, o seu impacto no ambiente e a exploração dos trabalhadores, muitas vezes de países mais pobres, que desempenham tarefas repetitivas e mal pagas para treinar a inteligência artificial. Neste contexto, a IA pode não ser tão economicamente rentável como os humanos a criar e a traduzir obras para a indústria do entretenimento. Seria mais sensato reservar o potencial da IA para iniciativas mais urgentes e humanitárias, como melhorar os cuidados de saúde e a investigação científica e mitigar a desigualdade económica.

Usar a IA para a tradução criativa é uma falsa solução para um não problema e só serve o propósito de poupar dinheiro ao intermediário enquanto põe em causa a subsistência dos tradutores profissionais e oferece produtos de qualidade inferior aos públicos. Deve ter-se em consideração que, de acordo com o Correio da UNESCO, o custo da tradução de audiovisuais multilingue representa geralmente menos de 1% do orçamento para a produção de um filme, ao passo que a distribuição do filme a nível internacional resulta em aproximadamente 50% dos lucros.

A linguagem é o que nos torna humanos. Esperamos que a indústria do audiovisual escolha valorizar o contributo cultural profundo dos tradutores humanos, em vez de perseguir cegamente a miragem de uma tecnologia que, se usada de forma generalizada, nos tornaria a todos cada vez menos humanos.